

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



ADAM SMITH DEPOIS DE 1976:
ROMPENDO COM AS CORRENTES DE
INTERPRETAÇÃO NEOCLÁSSICAS

JOÃO FRANCISCO FISHER COSTA RIBEIRO
MATRÍCULA: 0611423

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO DE 2012

JOÃO FRANCISCO FISHER COSTA RIBEIRO

ADAM SMITH DEPOIS DE 1976:
ROMPENDO COM AS CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO
NEOCLÁSSICAS

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Ciências
Econômicas da PUC-Rio

Professor Orientador:
José Antonio Ortega

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

ADAM SMITH DEPOIS DE 1976:
ROMPENDO COM AS CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO NEOCLÁSSICAS

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri, para realizá-lo, a nenhuma fonte de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”

João Francisco Fisher Costa Ribeiro

Matrícula: 0611423

Orientador: José Antonio Ortega

Dezembro de 2012

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

A minha mãe

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe, pelo carinho insuperável, pela dedicação inigualável e por viver perigosamente, apostando tão alto em alguém como eu. Aos meus amigos e familiares, pelas admoestações e amabilidades. A José António Ortega, pelas conversas transatlânticas, pelos conselhos lúcidos e pelo apoio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
SEÇÃO I: Visão fragmentada	11
a. A parte pelo todo	11
b. <i>Das Adam Smith problem</i>	13
c. Simpatia	16
SEÇÃO II: Homo economicus	20
a. A mão invisível	21
i. Três mãos	21
ii. A mão invisível e o modelo walrasiano: teoria e metáfora	25
b. Preço natural e preço de mercado	28
i. Preço de longo e curto prazos?	28
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Toute pensée qui se bornera aux combinaisons de l'économie politique sera infailliblement trompée dans les grandes affaires humaines.

Edgar Quinet

No bicentenário da publicação de *Riqueza das Nações*, em 1976, R. D. C. Black fez em um ensaio uma retrospectiva das contribuições de Adam Smith à ciência econômica. Ele conclui com uma constatação: os leitores do iluminista escocês tenderam ao longo das décadas, talvez mais do que com qualquer outro economista, a interpretar a obra do autor seguindo os interesses do momento¹. Mesmo nesse universo de interpretações variadas, os intérpretes eram todos orientados pela mesma crença: ler Smith era tentar descobrir o significado original do texto, ignorando completamente a influência que qualquer leitor-intérprete tem na obra sobre a qual se debruça.² Por outro lado, a apreciação do autor de *Riqueza das Nações* parecia eternamente condenada à um *framework* interpretativo binário: economia normativa *versus* economia positiva, Estado interventor *versus* mercado, comportamento racional dos agentes *versus* evolução sócio-histórica, etc.

Esta apropriação da obra smithiana de que fala Black não é uma prática isolada e extraordinária; poderíamos argumentar que ela faz parte da evolução natural do pensamento em qualquer campo de conhecimento. Mas a declaração de Black surgiu como a primeira manifestação do que seria uma verdadeira Nouvelle Vague smithiana. De um lado, leitores procuraram responder de novas formas à pergunta “o que ler em Smith?”. Nesse contexto, surgiram novos enfoques tais como o interesse por Adam Smith, o filósofo e historiador, e uma leitura econômica que açambarque textos tradicionalmente marginalizados.

¹ Black, R.D.C. “Smiths contribution in Historical Perspective”, in T. Wilson and A.S. Skinner (eds) *The Market and the State: Essays in Honour of Adam Smith*, Oxford: Oxford University Press, 1976.

² Peil, Jan. *Adam Smith and economic science: a methodological reinterpretation*, Cheltenham: Edward Elgar, 1999, p.9.

No entanto, foi a resposta a uma segunda pergunta, “*como (re)ler Adam Smith?*”, que marcou uma real ruptura na literatura, a partir do momento em que ele buscou a conciliação dos “vários Smith”, valendo-se da concepção que Adam Smith tinha do homem e, sobretudo, da importância da simpatia mútua. São essas duas perguntas (o quê? e como?) que guiarão o trabalho que se segue.

É curioso perceber como a visão de Adam Smith nas salas de aula mudou pouco nas últimas décadas. Embora a literatura revisionista da obra do escocês seja tudo menos parca, a leitura padrão de Smith encontrada em manuais de economia ainda é, em muitos aspectos, tão atualizada quanto as opiniões de Joseph A. Schumpeter em *História da Análise Econômica*, escrito durante a segunda guerra.³ Isso é revelador. Malgrado o fato de o autor de *Riqueza das Nações* ter sido usado para os mais variados fins, a maioria dos comentadores parece concordar que foi a apreciação neoclássica (e seus derivados) que mais solidificou a imagem que temos de Smith.⁴ Logo, a fim de expor algumas das mudanças interpretativas fundamentais na leitura de Adam Smith, definiremos e usaremos as noções da economia neoclássica - em grande parte resumida na figura de Schumpeter - como referência básica.

O ensaio será dividido em duas grandes seções. A primeira seção irá investigar dois típicos exemplos daquilo que revisores como Skinner ou Peil poderiam chamar de miopia interpretativa - a decisão consciente, por parte dos neoclássicos, de ler Smith em fragmentos. O primeiro exemplo se refere ao guia de leitura seleta de Schumpeter. O segundo fala do problema Adam Smith - a aparente dicotomia que comentaristas neoclássicos encontraram nas visões filosóficas de Smith em *Riqueza das Nações* e *Teoria dos Sentimentos Morais*. É importante ressaltar que esses são debates antigos e, em muitos aspectos, resolvidos. No entanto, eles ilustram bem o problema da categorização e polarização neoclássicas - algo que a geração de 1970 se esforçou para superar. A seção se encerra com a introdução do modelo da simpatia mútua de Smith,

³ Poderíamos citar alguns manuais de introdução à microeconomia e à economia do setor público, mas o guia de leitura para Smith em *Economic Theory in Retrospect*, de Mark Blaug (revisado em 1997), é certamente o mais simbólico.

⁴ Cf. Winch, Donald. *Riches and poverty*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

algo que, segundo os revisores, possibilita a unificação de um pensamento smithiano coerente.

A segunda seção tentará mostrar como Smith via o homem, segundo os revisores, e como essa visão é incompatível com a ideia marginalista de indivíduo racional e isolado, encapsulada no conceito de *homo economicus*. Veremos em seguida como a discussão nos ajudaria, sob a nova ótica, a entender dois temas caros aos neoclássicos: a mão invisível e os preços de mercado & preços naturais.

Com esse trabalho, pretende-se oferecer ao leitor uma introdução aos mais recentes grandes avanços na literatura smithiana e como eles se distanciam da escola neoclássica. Na conclusão sugerimos como esse resgate da década de 70 pode ser relevante atualmente no que tange à forma de pensar as relações dos diferentes agentes da economia.

SEÇÃO I: visão fragmentada

And Vertue, who from Politicks
Had learn'd a Thousand cunning Tricks,
Was, by their happy Influence,
Made Friends with Vice: And ever since
The Worst of all the Multitude
Did something for the common Good.

Bernard Mandeville

a. A parte pelo todo

O primeiro grande passo que daremos nesse ensaio é expor a visão tradicional que se convencionou adotar sobre a relevância da obra de Smith para o economista. Com a constituição da economia como ciência e sua subsequente separação em três vertentes por John Neville Keynes⁵ - economia positiva, normativa e aplicada⁶ -, *A Riqueza das Nações*, assim como *Teoria dos Sentimentos Morais*, se viram talhadas para se encaixar no novo modelo. Essa cisão tripartite, essencial ao pensamento econômico marginalista neoclássico do final do século XIX e do início do século XX, tinha o objetivo central de destacar o que seria o principal - a economia positiva (ou ‘pura’ para usar o termo de Walras) - do resto menos importante. Afinal, como ciência incipiente, a economia buscava suas bases de sustentação, definindo seu alcance e, conseqüentemente, suas limitações⁷.

Assim, tornou-se recorrente dizer que *Teoria dos Sentimentos Morais* - o lado ético de Smith - só apresentaria interesse para o leitor interessado em psicologia e poderia ser ignorada em qualquer discussão de cunho mais econômico. A contribuição de Smith à análise econômica, defendia a escola neoclássica, deveria se ver restrita aos primeiros dois livros de *Riqueza das Nações*: “Das causas do aprimoramento do poder produtivo do trabalho” e “Da natureza, acúmulo e emprego de estoque”. Os outros três

⁵ Keynes, John Neville. *The Scope and Method of Political Economy*, Kitchener: Batoche Books, 1999.

⁶ Que o leitor tenha em mente Walras e sua decisão de dividir seus trabalhos em categorias. Segundo Jaffé (1983), a intenção do economista era fazer uma distinção entre o que era real (“economia pura”), útil (“economia aplicada”) e justo (“economia social”).

⁷ Deve-se observar que um processo muito parecido de separação se dava com a sociologia, que buscava, na mesma época, se afirmar como ciência positiva. Um trabalho seminal nesse sentido é o *Regras do método científico*, publicado em 1895 por Durkheim.

livros, que versam sobre os sistemas de economia política, o progresso das nações e questões tributárias, estariam confinados à história e à economia normativa e aplicada. O julgamento de Schumpeter, um dos maiores representantes dessa visão da economia, é ainda mais severo. Após definir o trabalho do escocês como uma compilação de ideias formuladas por outros⁸, ele poupa para a posteridade apenas um pequeno trecho da *Riqueza das Nações*, encontrado no livro I:

“The rudimentary equilibrium theory of Chapter 7, by far the best piece of economic theory turned out by A. Smith, in fact points toward Say and, through the latter’s work, to Walras. The purely theoretical developments of the nineteenth century consist to a considerable degree in improvements upon it.”⁹

A passagem acima proporciona um exemplo lapidar da carta de intenções de pensadores da linha positivista de Schumpeter. Para eles, não é apenas possível desmembrar Smith e retirar as partes consideradas inúteis aos olhos modernos, como também fazer com que as partes valorosas se enquadrem numa visão teleológica da teoria econômica. Ironicamente, Schumpeter acaba padecendo do mesmo mal contra o qual nos alerta na introdução ao capítulo que dedica à economia greco-romana: a busca em passagens breves ou obtusas de uma obra a gênese de determinado conceito ou teoria elaborados, de fato, apenas décadas ou séculos mais tarde. Logo, ao escrever sobre Smith, o essencial para Schumpeter torna-se conseguir encontrar em *Riqueza das Nações* alguma sugestão embrionária daquilo que o comentador considerava como a *magna carta* da economia¹⁰, a coroação do pensamento neoclássico: o equilíbrio geral walrasiano.

⁸ Schumpeter, Joseph A. *History of economic analysis*, New York: Oxford University Press, 1954, p. 184-5.

⁹ *ibid.*, p. 189.

¹⁰ *ibid.*, p. 233.

b. *Das Adam Smith Problem*

Uma segunda fonte de fragmentação no estudo da obra de Smith recebeu o nome de “Problema Adam Smith” por August Oncken. Ela aponta a aparente esquizofrenia do pensamento smithiano; em *Teoria dos Sentimentos Morais* encontraríamos um Smith que acredita no altruísmo como a força motriz das relações humanas, ao passo que em *Riqueza das Nações* esse papel caberia ao egoísmo¹¹. A primeira ideia se acha condensada numa passagem do primeiro livro da *Riqueza das Nações* - que talvez seria hoje elevada à condição de aforismo, não fosse seu extenso tamanho:

“It is not from the benevolence of the butcher, the brewer, or the baker that we expect our dinner, but from their regard to their own self-interest. We address ourselves not to their humanity but to their self-love, and never talk to them of our own necessities, but of their advantages.”¹²

Aqueles que acreditam no “Adam Smith egoísta” vêem aqui um eco (ou, como talvez dissesse Schumpeter, um plágio) de *Fábula das abelhas* (1705) de Bernard Mandeville. Nessa obra, escrita em forma de poema, o autor holandês imagina uma rica e bem-aventurada nação de abelhas, em tudo igual a uma rica e bem-aventurada nação moderna do século XVIII, na qual os vícios guiam as ações de membros de todas as profissões, classes e credos. Deus, perplexo com a devassidão e licenciosidade dos costumes, decide intervir e acabar com os vícios, algo que arruina a riqueza e a ordem da sociedade. Smith, tal como Mandeville (segundo essa visão), teria um olhar cínico sobre as virtudes da virtude humana, preferindo acreditar nas virtudes dos vícios. Afinal, seriam eles os responsáveis por garantir a prosperidade social.

Já o segundo ensaio de Smith - *Teoria dos Sentimentos Morais* - colocaria a ênfase sobre a simpatia como a moeda de troca universal do convívio social. Para Smith, a interação de um homem com seus semelhantes seria um refino constante de sua capacidade de inspirar e sentir simpatia alheia (“fellow feeling”). Viver em sociedade seria um constante exercício de descobrir como calibrar as próprias ações e sentimentos

¹¹ Peil, op. cit., p. 6.

¹² Smith, Adam. *An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations with an introduction by Andrew Skinner*, vol. I, London: Penguin Books, 1997, p. 41.

de forma a produzir simpatia no próximo, e, num plano mais duradouro e profundo, reconhecimento (“praise”). Para o Smith de *Teoria dos Sentimentos Morais*, essa é a grande constante das relações humanas e ele inclusive chega a rejeitar qualquer influência preponderante que nela possa ter o egoísmo:

“Man, say they [those who are fond of deducing all our sentiments from certain refinements of self-love], conscious of his own weakness, and of the need which he has for the assistance of others, rejoices whenever he observes that they adopt his own passions, because he is then assured of that assistance; and grieves whenever he observes the contrary, because he is then assured of their opposition. But both the pleasure and the pain are always felt so instantaneously, and often upon such frivolous occasions, that it seems evident that neither of them can be derived from any such self -interested consideration.”¹³

Em outras palavras, o prazer e a dor da aceitação e rejeição são manifestações fisiológicas instantâneas do convívio social inerentes à simpatia¹⁴. Elas ocorrem em resposta a uma ação muito antes que o cálculo do egoísmo possa vir a operar.

A defesa da existência de dois Adam Smith foi particularmente popular na última década dos anos 1890 (quando Oncken cunhou o termo para designar o problema em seu artigo de 1897¹⁵), mas ela teve ressonâncias importantes no século XX. Viner, que de resto realizou uma tentativa de integração da *Teoria dos Sentimentos Morais* à típica análise neoclássica¹⁶, também acaba por aderir ao campo do Smith binário, por razões que talvez, se vivo fosse, teriam ofendido o iluminista escocês:

“There persisted within the *Wealth of Nations*, through five successive editions, many, and to later eyes obvious, inconsistencies. When Smith revised his *Theory of Moral Sentiments* he was elderly and unwell. It is not altogether unreasonable to suppose that he had lost the

¹³ Smith, Adam. *Theory of moral sentiments with an introduction by Amartya Sen*, London: Penguin Books, 2009, p.19.

¹⁴ Note que estamos vestindo a carapuça dos dualistas. Assim, “simpatia”, nesse contexto, está sendo identificada como sinônimo de altruísmo. Veremos que esse não é propriamente o caso a seguir, quando faremos um tratamento mais pormenorizado do modelo de simpatia mútua.

¹⁵ Otteson, James R.. *Adam Smith*, New York: Continuum, 2011, p.117.

¹⁶ Falaremos mais dela a seguir.

capacity to make drastic changes in his philosophy, but had retained his capacity to overlook the absence of complete coordination and unity in that philosophy.”¹⁷

Aqui, Viner menciona algo que nos precipita na operação de resgate da unidade de pensamento smithiano: Smith reeditou sua obra de juventude, *Teoria dos Sentimentos Morais*, várias vezes. Aliás, a quinta edição foi o último trabalho que Smith concluiu antes de morrer, em 1790. Este fato constitui um dos primeiros elementos que motivaram o exercício de integração das duas obras e um dos sustentáculos da visão revisionista pós-1970. Enquanto o problema dos dois Smith ocupava parte da academia - em especial, os alemães¹⁸ - defensores de um Smith coeso argumentavam que a reedição contínua de *Teoria dos Sentimentos Morais* faria com que Smith se desse conta de possíveis dissonâncias que pudessem perdurar entre os dois textos. Logo, o problema deveria necessariamente residir na forma com que Smith era lido.

Contudo, foi através de um outro dado - a simpatia - que a junção se tornou, efetivamente, possível.

¹⁷ Viner, J., ‘Adam Smith and Laissez-Faire’ in Clark, J.M. (ed.), *Adam Smith, 1776-1926*, Chicago, 1928, New York, 1966. p. 137-138

¹⁸ Phillipson, Nicholas. *Adam Smith: an enlightened life*, London: Penguin Books, 2010.

c. Simpatia

Mencionamos que os partidários da interpretação de dois Smith consideravam a *Riqueza das Nações* como um elogio ao egoísmo, enquanto *Teoria dos Sentimentos Morais* ressaltaria o altruísmo. Quando definimos altruísmo, associamo-lo, tal qual o fizeram os seguidores desta linha de pensamento, à ideia de “simpatia”, conceito exaustivamente explorado por Smith nos cinco livros de *Teoria*. No entanto, se atentarmos para o texto, notamos que o autor usa “simpatia” com um sentido muito mais amplo do que uma simples preocupação desinteressada pelos outros.

Vejam os vários exemplos que Smith nos oferece. Um homem acaba de perder o pai. Se, face à situação, ele decide extravasar, no âmbito social, um profundo e inconsolável desespero, uma pessoa de fora (não afetada diretamente pela morte) que o presencie não irá conseguir imaginar com a mesma intensidade a dor expressa pelo filho. Como suas emoções são muito vivas e violentas (e estamos supondo que o espectador não tenha perdido o seu próprio pai, portanto só pode imaginar a sensação), ele não consegue se colocar no lugar do indivíduo que chora e grita compulsivamente. Logo, se num primeiro momento ele se compadecer da situação do filho, sua segunda reação, dado o desnivelamento das emoções dos dois agentes, será de tédio e irritação. No entanto, se o filho souber dosar a dor que comunica ao seu vizinho, reprimindo-a e reduzindo-a até que ela possa ser perfeitamente imaginada por ele, seu comedimento inspirará real simpatia, porque o esforço imaginativo do espectador recriará a dor na mesma intensidade com a qual ela é expressa. Em suma, a transmissão de sensações e a subsequente criação de simpatia só se dariam se houvesse perfeita harmonia em intensidade entre o que é sentido pelo “emissor” e o que é imaginado pelo “receptor”.

“But whatever may be the cause of sympathy, or however it may be excited, nothing pleases us more than to observe in other men a fellow-feeling with all the emotions of our own breast; or are we ever so much shocked as by the appearance of the contrary.”¹⁹

O mais crucial deste mecanismo social de simpatia é que ele faz o ator da ação se imaginar como espectador de seu próprio comportamento. Logo, qualquer ação que ele

¹⁹ Smith, *Theory of moral sentiments*, p.6.

realize o faz pensar como ele se sentiria, enquanto espectador, se a testemunhasse. Assim, nossa inclinação à simpatia vem inexoravelmente acompanhada de uma inclinação à simpatia mútua: da mesma forma que queremos entrar nas emoções dos nossos semelhantes e poder nos identificar com elas, desejamos que os outros se relacionem aos nossos sentimentos²⁰.

Em suma, colocado de uma forma simples, Smith nos diz que a simpatia mútua define o homem em sociedade, as regras pelas quais ele se governa, pelas quais rege sua conduta. Portanto, sob essa perspectiva, Peil e os outros revisionistas irão dizer que Smith vê o altruísmo e o egoísmo como meros subprodutos da busca humana por simpatia mútua:

“...Smith’s critique was not focused on demonstrating that human behavior is also motivated by social passions such as pity or compassion [...] Rather, according to Smith, man’s behaviour is governed by the pleasure and pain experiences in his dual need to sympathize and be the object of sympathy. For Smith, in other words, pleasure and pain are felt primarily in relation to a frame of values shared intersubjectively with other people”²¹.

Se o exemplo do filho que perde o pai deixa claro que o altruísmo ocupa um posição estranha no sistema de relações de simpatia de Smith, não podendo de forma alguma ser igualado à ela, uma análise do egoísmo em *Teoria dos Sentimentos Morais* traz resultados ainda mais interessantes. Já mencionamos uma citação em que Smith descarta essas “passion-oriented approaches” quando discutimos egoísmo. Vimos que para ele o cálculo do egoísmo é posterior à operação do mecanismo de simpatia, mas não investigamos o porquê. Façamo-lo agora, apontando alguns trechos do estudo que Smith faz do funcionamento da simpatia.

Na seção referente aos efeitos da prosperidade e da adversidade no julgamento humano (Parte I, Seção III), Smith diz que a nossa inclinação inicial com os infortúnios dos outros é muito maior do que aquela que teríamos com seus sucessos. Entretanto, um espectador acaba por simpatizar muito mais facilmente com um indivíduo que se

²⁰ Peil, op. cit., p.80.

²¹ Peil, op. cit, p.84.

eleva materialmente acima de seus semelhantes (e do espectador, inclusive) do que com aquele que é rebaixado e cai na miséria. Isso acontece porque o estado natural dos homens, no entendimento de Smith, o torna mais apto a processar os sentimentos de alegria alheios do que os de infelicidade:

“What can be added to the happiness of the man who is in health, who is out of debt, and has a clear conscience? To one in this situation all accessions of fortune may properly be said to be superfluous; and if he is much elevated upon account of them, it must be the effect of the most frivolous levity. This situation, however, may very well be called the natural and ordinary state of mankind. Notwithstanding the present misery and depravity of the world, so justly lamented, this really is the state of the greater part of men. The greater part of men, therefore, cannot find any great difficulty in elevating themselves to all the joy which any accession to this situation can well excite in their companion.”²²

Se, por um lado, a distância que separa o homem afortunado do espectador (homem comum) não é grande, há um precipício, segundo Smith, separando o mesmo espectador do homem infeliz. Um homem que sempre foi saudável nunca irá sentir com a mesma violência aquilo que sente um homem doente. O ato de simpatia com esse homem é incompleto e, portanto, desagradável para o espectador; a simpatia com o homem rico o coloca numa posição muito mais confortável.

Segue-se que se os indivíduos adotam a simpatia mútua como *modus operandi*, como pensa Smith, ninguém desejará ser objeto dessa simpatia incompleta provocada pelo malogro. Todos irão, ao contrário, almejar a riqueza, posto que ela é mais palatável e, portanto, mais aceitável e recomendável. Assim, visto sob este ângulo, a ambição pessoal ganha um sentido completamente novo, juntamente com o chamado “egoísmo”. O homem smithiano da *Riqueza das Nações* não é mais incompatível com o de *Teoria dos Sentimentos Morais*. Ele é egoísta não porque isso faz parte da sua primeira natureza, mas porque a sociedade, guiada pela simpatia mútua, desaprova a miséria e acaba, por conseguinte, louvando a ambição individual. Dito de outra forma, o homem é egoísta *porque* ele se preocupa com o que os outros pensam de sua

²² Smith, *Theory of moral sentiments*, p. 57

conduta²³. Assim, o centro de encontro dos agentes - o mercado - adquire uma nova dimensão. Nas palavras de Screpanti e Zamagni:

“economic agents do not exchange goods only, but also messages of approbation or disapprobation.”²⁴

Essas mensagens constituem as regras morais de uma sociedade e estão implícitas na mais simples das transações de mercadorias.

²³ Cf. Skinner, Andrew. “Adam Smith: self-love” in *revue européenne des sciences sociales*, 1992. Vol. 30(92), p. 389-402.

²⁴ Screpanti, E. e S. Zamagni. *An outline of the history of economic thought*, Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 79.

SEÇÃO II: Homo economicus

Qual é a *natureza* do homem smithiano? Possuímos o arcabouço e os resultados interpretativos do modelo de simpatia pós-1970 e, com ele, já podemos avançar algumas respostas. Mas realizemos o exercício inverso: qual não seria a natureza do homem smithiano? Uma das teses neoclássicas mais alvejadas pela literatura revisionista moderna é a de que a obra de Smith ilustraria o que, no fim do século XIX, os marginalistas chamavam de *homo economicus*. Esse termo define a ideia de que é possível dissecar o comportamento humano, retirando todos os seus componentes religiosos, culturais, morais e políticos e reduzindo-o ao que há de mais básico e universal em sua conduta: sua relação com produção e consumo. Os mais essenciais pressupostos do comportamento desse *homo economicus* são racionalidade e atomicidade. O primeiro coloca que homens se comportam racionalmente, visando maximizar seu bem-estar individual. O segundo diz que eles são livres; sua conduta não é influenciada pela conduta de outros homens.

São pressupostos rigorosos, mas serão eles os pontos fulcrais da teoria de equilíbrio walrasiano. Nesse modelo²⁵, Walras tenta imaginar como seria criar um equilíbrio de mercado *ab initio* no qual produtores e consumidores declaram o que eles venderiam ou consumiriam a preços “criés au hasard”. Surgiria então a figura de um agente leiloeiro que iria gradualmente aproximar (por via de um “tatônnement”) o preço que os consumidores pagariam do preço que os produtores receberiam em todos os mercados. Todos os mercados se achariam, ao fim desse processo, em equilíbrio.

Na seção em que falamos da importância de Smith segundo os neoclássicos, mencionamos que Schumpeter concedia ao escocês o papel de precursor diluído do modelo walrasiano, mas não nos detivemos muito no porquê. Poderíamos levantar duas razões para a filiação, uma alegada por Schumpeter e a outra ignorada pelo mesmo, mas apontada por seus sucessores: respectivamente, a teoria de preços (de mercado versus naturais) e a mão invisível. Vejamos as duas a seguir, começando pela segunda.

²⁵ Cf. Walras, Léon. *Éléments d'économie politique pure, ou théorie de la richesse sociale*, Paris: R. Pichon et Durand Auzias Éditeurs, 1926.

a. A mão invisível

Antes de examinarmos a apropriação neoclássica da “mão invisível”, atentemos para como ela é representada na obra de Smith.

i. As três mãos

Embora a “mão invisível” seja, possivelmente, a metáfora mais conhecida em economia, ela é encontrada apenas três vezes em toda a obra de Smith e, em cada aparição, ela tem um significado diferente. Na *História da Astronomia*, no capítulo sobre a origem da filosofia, Smith a utiliza quando ele fala de dois estágios na história da Grécia Antiga. O segundo seria a Grécia das cidades-Estado, das colônias, marcada por leis e pela ordem, território fértil para o nascimento da filosofia. Já o primeiro, anterior a esse momento, é descrito pelo autor como um período de contínua guerra por sobrevivência, desprovido de lei e de ordem e, portanto, desfavorável à insipiência da filosofia. Logo, qualquer evento natural inexplicável é imediatamente atribuído a uma entidade mística. Essa entidade, a “mão invisível de Júpiter”, serve, nessas sociedades, como substituto da filosofia:

“It may be observed that in all Polytheistic religions, among savages, as well as in the early ages of Heathen antiquity, it is the irregular events of nature only that are ascribed to the agency and power of their gods. Fire burns, and water refreshes; heavy bodies descend, and lighter substances fly upwards, by the necessity of their own nature; nor was the *invisible hand of Jupiter* (grifo meu) ever apprehended to be employed in those matters. But thunder and lightnings, storms and sunshine, those more irregular events, were ascribed to his favour, or his anger. Man, the only designing power with which they were acquainted, never acts but either to stop, or to alter the course, which natural events would take, if left for themselves. Those other intelligent beings, whom they imagined, but knew not, were naturally supposed to act in the same manner; not to employ themselves in supporting the ordinary course of things, which went on of its own accord, but to stop, to thwart, and to disturb it. And thus, in the first ages of the world, the lowest and most pusillanimous superstition supplied the place of philosophy.”²⁶

²⁶ Smith, Adam. “History of Astronomy” in *Essays on philosophical subjects*, Oxford: Clarendon Press, 1980, p.49-50.

Não está no escopo desse trabalho discutir as tentativas de autores em enquadrar as opiniões de Smith num sistema deísta ou teísta, baseando-se em passagens como essa. Basta-nos observar que a mão invisível de Júpiter é, em grande medida, espelhada na mão humana. Para Smith, a primeira herdou da segunda o poder humano de perturbar o curso natural das coisas.

A mão invisível de *Teoria dos Sentimentos Morais* tem consequências mais relevantes para nosso estudo. Ela aparece no primeiro capítulo da quarta parte, numa história que Smith nos conta sobre um proprietário de terras rico e egoísta, que não se preocupa com seus servos. A história poderia ser uma outra forma de interpretar a famosa passagem do açougueiro já levantada, assim como o modelo da simpatia. Limitações fisiológicas impedem que o proprietário de terras consuma sozinho toda a vasta colheita que seus devaneios de luxo exigiram que seus servos produzissem. Consequentemente, o egoísmo de um indivíduo não interfere com o interesse comum:

“It is to no purpose that the proud and unfeeling landlord views his extensive fields, and without a thought for the wants of his brethen, in imagination consumes himself the whole harvest that grows upon them. The homely and vulgar proverb, that the eye is larger than the belly, never was more fully verified than with regard to him. The capacity of his stomach bears no proportion to the immensity of his desires, and will receive no more than that of the meanest peasant.”²⁷

“The rich only select from the heap what is most precious and agreeable. They consume little more than the poor, and in spite of their natural selfishness and rapacity, though they mean only their own conveniency, though the sole end which they propose from the labours of all the thousands whom they employ, be the gratification of their own vain and insatiable desires, they divide with the poor the produce of all their improvements.”²⁸

Em seguida, Smith argumenta que a simpatia é a razão por trás da ambição por riquezas do proprietário de terras. Quanto maior for o aparato imposto por esse apetite por ambição, maior será o benefício auferido pelos trabalhadores. Smith conclui:

²⁷ Smith, *Theory of moral sentiments*, p. 214.

²⁸ Ibid., *ibid.*

“[The rich] are led by an *invisible hand* (grifo meu) to make nearly the same distribution of the necessities of life, which would have been made, had the earth been divided into equal portions among all its inhabitants, and thus without intending it, without knowing it, advance the interest of society, and afford means to the multiplication of the species.”²⁹

O emprego da expressão na *Teoria dos Sentimentos Morais* é bastante similar àquele da terceira passagem, responsável por tornar a metáfora célebre (além de ser um dos bastiões do pensamento neoliberal). Aqui, a teoria da simpatia mútua é igualmente aplicável³⁰. A grande diferença entre as duas mãos é de ordem contextual, como veremos a seguir:

But the annual revenue of every society is always precisely equal to the exchangeable value of the whole annual produce of its industry, or rather is precisely the same thing with that exchangeable value. As every individual, therefore, endeavours as much as he can, both to employ his capital in the support of domestic industry, and so to direct that industry that its produce maybe of the greatest value; every individual necessarily labours to render the annual revenue of the society as great as he can. He generally, indeed, neither intends to promote the public interest, nor knows how much he is promoting it. By preferring the support of domestic to that of foreign industry, he intends only his own security; and by directing that industry in such a manner as its produce may be of the greatest value, he intends only his own gain; and he is in this, as in many other cases, led by an *invisible hand* (grifo meu) to promote an end which was no part of his intention. Nor is it always the worse for the society that it was no part of it. By pursuing his own interest, he frequently promotes that of the society more effectually than when he really intends to promote it.”³¹

Na *Riqueza das Nações*, a mão invisível assume o significado de vaso comunicante entre o interesse coletivo e o interesse individual tal qual na outra obra. Contudo, essa aproximação deve ser nuançada, pois ela omite um dos principais traços da postura do escocês. Nas passagens assinaladas em *Teoria dos Sentimentos Morais* encontramos uma afirmação que, retirada de seu contexto original, poderia ser facilmente defendida por um fisiocrata. De fato, ela parece se conformar à classificação que Quesnay faz, em

²⁹ Ibid., ibid..

³⁰ Para um tratamento mais pormenorizado dessa aplicação, o leitor deve se referir à discussão realizada previamente nesse trabalho sobre simpatia como forma de resolução do problema dos dois Smith. O conflito é essencialmente o mesmo.

³¹ Smith, Adam. *An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations with an introduction by Andrew Skinner*, vol II, p. 32.

seu *Tableau Économique* (1759), das diferentes classes de agentes econômicos. O crescimento econômico resultaria da relação entre o proprietário de terra egoísta e estróina, representando a “classe proprietária”, e os trabalhadores do campo, da chamada “classe produtiva”³².

A grande diferença é que Quesnay acreditava ser a agricultura a principal, senão única, fonte de riquezas de uma economia. Smith reconhece o valor dessa teoria e, numa sociedade arcaica como a da história que conta, não evita em ver sentido nela. Mas, na nova sociedade comercial do século XVIII, a riqueza não se encontra mais no campo e sim, nas fábricas e nos ateliês. Para Smith, os artesãos e comerciantes não constituem, como queria Quesnay, a “classe estéril”, que não produzia nenhum excedente, mas a força motriz do crescimento econômico. Assim, quando a mão invisível aparece em *Riqueza das Nações*, Smith tem em mente o seu significado numa era comercial; uma era em que as considerações de interesse individual de um investidor, que escolhe, por segurança (questões culturais, logísticas, etc.), investir no seu próprio país em vez de no exterior, acabam promovendo a indústria nacional e o bem-estar da coletividade.

³² Essa nomenclatura é a utilizada por Quesnay.

ii. A mão invisível e o modelo walrasiano: teoria e metáfora

Na *História da Análise Econômica*, Schumpeter alude à mão invisível brevemente e, segundo Peil, sua denominação como “doutrina” revela certo desdém; afinal, a mão invisível não poderia ser comparada à teoria geral em rigor científico:

“a mere doctrine clearly has no part in Schumpeter’s positivistic model of scientific knowledge.”³³

Mas o que Schumpeter não parece perceber é a natureza de cada uma das duas ideias. Ao passo que a mão invisível smithiana é uma metáfora, o equilíbrio walrasiano nunca deixou de ser encarado, pelo menos por seus expoentes e aperfeiçoadores, como um fenômeno real de autorregulação do mercado. Ou seja: a mão invisível sempre foi invisível, mas o leiloeiro, não. Isso talvez revele o grau de abstracionismo e teorização com o qual se envolveram os walrasianos na virada do século, algo que, um século antes, já muito preocupava Smith.

Aqui vale a pena entrarmos numa discussão sobre como Smith enxergava teoria, metáfora e realidade. Se formos imaginativos, ela poderia constituir uma resposta *post-mortem* de Smith às afirmações que foram feitas sobre sua obra. Contra o excessivo grau de teorização da teoria walrasiana, Smith poderia evocar uma passagem de *História da Astronomia*:

Even we, while we have been endeavouring to represent all philosophical systems as mere inventions of the imagination, to connect together the otherwise disjointed and discordant phaenomena of nature, have insensibly been drawn in, to make use of language expressing the connecting principles of this one, as if they were the real chains which Nature makes use of to bind together her several operations. Can we wonder then, that it [Newton’s System] should have gained the general and complete approbation of mankind, and that it should now be considered, not as an attempt to connect in the imagination the phenomena of the Heavens, but as the greatest discovery that ever was made by man, the discovery of an immense chain of the

³³ Peil, op. cit., p.120.

most important and sublime truths, all closely connected together, by one capital fact, of the reality of which we have daily experience³⁴.

Smith afirma que o poder das teorias de Newton reside no seu vínculo sólido com o mundo real. O perigo da teoria é quando esse elo se perde e o teorista substitui o mundo real pelo sistema imaginário que ele inventou. Para Smith, portanto, a teoria está sempre abaixo do mundo real, uma postura que talvez não encontre apoio nos neoclássicos. Assim, poderíamos nos aventurar a dizer que a mão invisível nunca seria um fim em si mesmo - contrariamente à teoria de equilíbrio geral, que exhibe esse potencial. Ela é antes de tudo, como o termo 'metáfora' nos dá a entender, uma possibilidade interpretativa.

Da mesma forma que um exagerado apreço por elaborações teóricas escurecem o entendimento da realidade que elas originalmente deveriam ajudar a explicar, um excessivo grau de abstracionismo também assegura essa alienação. Em *Teoria dos Sentimentos Morais*, quando Adam Smith analisa as razões por trás do mérito e demérito sociais de uma ação, temos a seguinte afirmação:

“When a philosopher goes to examine why humanity is approved of, or cruelty condemned, he does not always form to himself, in a very clear and distinct manner, the conception of any particular action either of cruelty or of humanity, but is commonly contented with the vague and indeterminate idea which the general names of those qualities suggest to him. But it is in particular instances only that the propriety or impropriety, the merit or demerit of actions is very obvious and discernable.”³⁵

Nossa abordagem do modelo de simpatia de Smith nos sugere que o homem smithiano e o homem neoclássico são incompatíveis no plano moral-filosófico; afinal, egoísmo (assim como o altruísmo) é, para o escocês, apenas uma paixão de segunda ordem ou, mais especificamente, uma forma equivocada de encarar as relações humanas. No trecho acima, Smith nos mostra a mesma incompatibilidade sob o prisma metodológico. Se o pensador incorrer sistematicamente em generalizações, o mundo que ele fabricar - em especial, o homem que ele fabricar - terá muito pouco a ver com um homem real.

³⁴ Smith, *History of Astronomy*, p.19.

³⁵ Smith, *Theory of moral sentiments*, p. 190.

Não é muito difícil imaginar, portanto, como Smith enxergaria o *homo economicus* racionalista e individualista.

b. Preço natural e preço de mercado

i. Preço de longo e curto prazos?

“There is in every society or neighbourhood an ordinary or average rate both of wages and profit in every different employment of labour and stock”. Essa é a primeira frase do sétimo capítulo do primeiro livro de *Riqueza das Nações*, que apresenta e investiga as consequências do conceito de preço natural e preço de mercado. Para Schumpeter, essa distinção de preços que Smith faz necessariamente aponta para a revolução neoclássica:

“Market price, defined in terms of short-run demand and supply, is treated as fluctuating around a ‘natural’ price—J.S.Mill’s ‘necessary’ price, A.Marshall’s ‘normal’ price—which is the price that is sufficient and not more than sufficient to cover ‘the whole value of the rent, wages, and profit, which must be paid in order to bring’ to market that quantity of every commodity ‘which will supply the effectual demand,’ that is, the demand effective at that price.”³⁶

Havíamos prometido ao leitor uma explicação da relação que o autor de *História da análise econômica* via entre Smith e Walras. Porém, a verdade é que Schumpeter em nenhum momento nos dá provas substanciais. No trecho acima ele tenta alinhar o preço natural e de mercado com a interpretação mashalliana/pigouviana de preços oscilantes de curto prazo e preço fixo de longo prazo, mas seu esforço de aproximação do equilíbrio walrasiano com as ideias de Smith se encerra aqui. Esta interpretação, como aponta Rory O’Donnell³⁷, poderia até ser avançada com base no seguinte trecho de *Riqueza*:

“The natural price is, as it were, in the central place, to which the prices of all commodities are continually gravitating. Different accidents may sometimes keep them suspended a good deal above it, and sometimes force them down even somewhat below it. But whatever may be the

³⁶ Schumpeter, op. cit., p. 308

³⁷ O’Donnell, R., *Adam Smith’s theory of value and distribution: a reappraisal*, London: Machillan, 1990, p.171-193

obstacles which hinder them from settling in this center of repose and continuance, they are constantly tending towards it.”³⁸

No entanto, a dificuldade em aceitar o argumento se inicia logo que observamos a descrição que Smith faz do preço natural:

“These ordinary or average rates may be called the natural rates of wages, profit, and rent, *at the time and place in which they commonly prevail* (grifo meu).”³⁹

Como mencionamos anteriormente, Smith está fundamentalmente interessado nos fenômenos do mundo real, na situação social contemporânea. Como bem coloca Peil⁴⁰, não há nenhum indício no capítulo VII que revele que o autor esteja engajado numa análise formal, à maneira de Walras. Assim sendo, os revisionistas pós-1976 irão levantar que esse preço natural obedece, em primeiro lugar, não às condições de consumo (a base da teoria microeconômica dos marginalistas) ou às condições de produção (leitura marxiana macroeconômica), mas àquilo que Peil chama de “value patterns”. Esse valor exprime uma convenção, acordada socialmente, que fornece orientação ao comportamento e à ação das pessoas de uma determinada sociedade num determinado tempo. O preço de mercado, por sua vez, refletiria nessa leitura os valores sociais reais no momento da transação, isto é, a interpretação local, pontual e pessoal dessas “value patterns”:

“The actual price at which any commodity is commonly sold is called the market price. It may either be above, or below, or exactly the same with its natural price.”⁴¹

³⁸ Smith, *Wealth of Nations*, vol I, p. 160.

³⁹ Ibid., p.158.

⁴⁰ Peil, op. cit., p. 141.

⁴¹ Smith, *Wealth of Nations*, vol I, p. 157.

CONCLUSÃO

Falar de correntes de pensamento econômico é uma tarefa árdua e capciosa. Para facilitar a compreensão, dado o cunho introdutório deste trabalho, recorreremos sistematicamente a simplificações da visão neoclássica, ignorando as contribuições feitas através das décadas de economistas como Pareto, Hicks, Samuelson, Arrow e muitos outros a um entendimento mais complexo da relação entre ações individuais e resultados agregados. Igualmente simplificados foram os próprios argumentos dos revisionistas de Smith.

Das várias facetas que apresenta a nova corrente smithiana, optou-se em mostrar o traço que talvez seja um dos mais recorrentes na obra desses revisionistas: a defesa da ideia de que o *frame of reference* original da teoria neoclássica continua sendo, malgrado suas várias aprimorações e sofisticacões, algo que Smith (segundo o que se manifesta do escritor em sua obra) não poderia nunca, dadas suas posições, adotar. Seja por questões metodológicas (a sacralização da teoria e o *penchant* pelo abstracionismo excessivo), seja por uma concepção polarizada do homem, da sociedade e da ciência econômica, a nova literatura acredita ser muito difícil que o iluminista escocês pudesse ser compatível com a essência da escola marginalista.

Justamente por não ser compatível com essa corrente, a obra de Smith acaba ganhando relevância especial no que diz respeito à forma de se fazer ciência econômica hoje. Tal como em Smith, a definição de questões econômicas nos termos neoclássicos, opondo mercado e Estado ou indivíduo e sociedade como entidades bem definidas, gera certo desconforto, principalmente num mundo complexo pós-crise de 2008.

De resto, a preocupação do autor de *Riqueza das Nações* com uma análise interdisciplinar do mundo nunca pareceu tão atual. Se o que Peil chama de Renascimento Smithiano gerou tantas fontes de estudo nas mais diversas áreas - o Smith do direito e das instituições (corrente institucionalista); a concepção de história smithiana; a filosofia moral de Smith, Smith e a ciência, etc -, é muito plausível supor que Smith é mais uma vez utilizado, como diria Black, segundo os interesses do

momento. Dessa vez, porém, pelo menos em escopo, eles estão mais próximos da visão iluminista do pensador do século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Black, R.D.C. “Smiths contribution in historical perspective”, in T. Wilson and A.S. Skinner (eds) *The market and the State: essays in honour of Adam Smith*, Oxford: Oxford University Press, 1976.

Blaug, Mark. *Economic theory in retrospect*, Cambridge: Cambridge university press, 1997.

Hollander, Samuel. *The economics of Adam Smith*, Toronto: University of Toronto Press, 1973.

Keppler, Jan. *L'économie des passions selon Adam Smith*, Paris, Éditions Kimé, 2008.

Keynes, John Neville. *The scope and method of political Economy*, Kitchener: Batoche Books, 1999.

O'Donnell, R., *Adam Smith's theory of value and distribution: a reappraisal*, London: Machillan, 1990.

Otteson, James R.. *Adam Smith*, New York: Continuum, 2011, p.117.

Peil, Jan. *Adam Smith and economic science: a methodological reinterpretation*, Cheltenham: Edward Elgar, 1999.

Phillipson, Nicholas. *Adam Smith: an enlightened life*, London: Penguin Books, 2010.

Schumpeter, Joseph A. *History of economic analysis*, New York: Oxford University Press, 1954.

Screpanti, E. e S. Zamagni. *An outline of the history of economic thought*, Oxford: Oxford University Press, 2005.

Skinner, Andrew. *Adam Smith: self-love* in revue européenne des sciences sociales, 1992. Vol.30(92), pp.389-402.

Smith, Adam. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations with an introduction by Andrew Skinner*, 2 vol., London: Penguin Books, 1997.

Smith, Adam. "History of astronomy" in *Essays on philosophical subjects*, Oxford: Clarendon Press, 1980.

Smith, Adam. *Lectures on jurisprudence*, Indianapolis: Liberty Fund, 1982.

Smith, Adam. *Theory of moral sentiments with an introduction by Amartya Sen*, London: Penguin Books, 2009.

Viner, J., 'Adam Smith and laissez-faire' in Clark, J.M. (ed.), *Adam Smith, 1776-1926*, Chicago, 1928, New York, 1966.

Walras, Léon. *Éléments d'économie politique pure, ou théorie de la richesse sociale*, Paris: R. Pichon et Durand Auzias Éditeurs, 1926.

Winch, Donald. *Riches and poverty*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Zouboulakis, Michel S. "On the social nature of rationality in Adam Smith and John Stuart Mill" in *Cahiers d'économie politique*, 2005/2 no.49, p.51-63.